

O Curupira que queria tornar-se humano

Era uma vez um pequeno curupira. Ele era feio, feio mesmo: sua pele era escura, o cabelo rabugento, seus olhos lacrimejando e suas orelhas cabeludas. Como todos os curupiras, ele vivia no fundão da mata perto de pinheirinhos raquíticos e brejos sujos cujas águas pareciam olhar com olhos maldosos; um lugar onde cascalho e arvorem caídas impediam o homem entrar. Quando uma tempestade sacudia as arvores, ele chegava e debochava junto com os outros curupiras desta destruição ao seu redor e quanto mais desastre acontecia, mais ele ficava alegre. Mas mesmo assim, ele não era totalmente igual aos outros. Não totalmente....

Os curupiras odiavam os homens. Credo! O homem é a pior coisa que existe! Quanto mais claro e lúcido é o seu olhar, menos os curupiras gostam dele. Tudo que é Luz eles odeiam, porque a força do curupira vem da noite e das trevas e com a luz eles perdem esta força.

Mas este jovem curupira começou a gostar dos homens, embora que ele não ousasse demonstrar nem ousasse falar disto porque se alguém da sua turma soubesse ele seria morto; por isso, quando alguém pronunciava a palavra homem, vociferava mais do que os outros e mais do que os outros debochava dos homens. Ele era do ponto de vista dos curupiras, um jovem que tinha futuro!

Mas, bem no fundo de seu pequeno e escuro coração ele tinha um sonho: ser mesmo um homem. O ser humano é reto, alto, o ser humano tem uma voz bonita e um andar elegante, o ser humano é corajoso e honesto. Ele domina os animais selvagens e é dono da floresta e do pantanal. Tinha mais coisas nele, que ele não compreendia e não conseguia expressar em sua língua. Não existia nada que ele desejasse mais do que ser humano.

Por isso, sempre parava perto da morada dos homens. Ele trepava nas grandes pedras da fazenda cheias de musgo, de onde ninguém

conseguia vê-lo porque ele mesmo parecia com uma pedra cheia de musgo. Com olhos flamejantes, parecendo uma chama, espiava; se tivesse alguém que se esforçasse em entender este olhar teria percebido uma enorme saudade e teria feito tudo para ajudá-lo.

Porem ninguém o percebeu. Ele mesmo via alguns carvoeiros e carroceiros no inverno, às vezes uma velhinha procurando lenha na primavera ou algumas crianças procurando frutinhas silvestres no verão. O curupira os via, mas ninguém o via, nunca. Às vezes precisava sentar por muito tempo sem ver um ser vivo, só às vezes um esquilo, um passarinho ou ratinho.

Às vezes ele escutava sons maravilhosos chegando do povoado e seu coração começava a bater forte. Eram os sinos da igreja; não sabia se amava ou odiava estes sons, parecia que tinham poder sobre ele, poder de matá-lo. Mas mesmo assim seria melhor morrer ao som deste sino maravilhoso do que morrer a morte comum dos curupiras. Como era esta morte? Ia ficar cada vez mais duro, rígido e mudo e ia sumir na terra, no brejo.

Duas a três

vezes ele foi ao povoado dos homens na hora da missa vespertina, era inverno, escuro, só as estrelas iluminavam o caminho. Ele se parecia com uma sombra cheio de medo por que sabia que este caminho não era permitido a ele. Quando chegou à

igrejinha caiada de branco ele se espichou até a janela, via a luz da igreja, e de relance um ou outro rosto que brilhava serenamente. Também escutou algumas musicas. Não tinha a menor idéia o que estas pessoas estavam fazendo lá dentro e ninguém podia explicar para ele, mas seus olhinhos feios começaram a chorar e ele se sentia solitário, sozinho e voltou para a floresta, angustiado, chorando amargamente na tempestade da noite. Seu desejo de tornar-se humano doía - lhe no seu pobre coração.

Uma noite de outono, quando o vento balançava as arvores e nuvens furiosas sobrevoavam a floresta, ele se agachou perto da cabana do

carvoeiro. Viu o

carvoeiro com seu neto sentado na cama comendo um pedaço de pão preto que o menino lhe tinha trazido. O carvoeiro era bem velhinho, seu rosto cheio de rugas, seus olhos atentos. O menino escutou com atenção o que ele falou:-

"Você sabe, Alejandro, quem quer tornar-se um homem honesto precisa aprender a pensar mais nos outros do que em si próprio, quem não cuida do outro, quem não se preocupa com o outro que sofre, nunca se tornará um homem de verdade.

" Ó, vó, minha mãe também disse isto", - respondeu o menino.

" Coloque isto bem perto do seu coração, disse o velho, veja, Alejandro, é assim: o segredo de ser verdadeiramente um ser humano é de cuidar dos outros. Quem não aprender isto será um curupira!"

O menino concordou, não quero ser um curupira, disso ele tinha certeza!

O jovem curupira que escutava de fora ficou pensativo, não podia nem acreditar: Este velhinho ai sentado ensina ao menino como se tornar humano! Que bom, que útil! Mas a tarefa era difícil. Não ia adiantar pedir conselho aos seus parentes, os outros curupiras, isto ele sabia; eles não estavam entendendo o que ele queria e vão mandá-lo embora bem longe daqui! Se ele realmente queria ajudar alguém, cuidar de alguém deveria ajudar a um ser humano. Não podia imaginar como fazer isso, porque embora desejasse tanto de se tornar humano ele tinha muito medo do ser humano, nunca ele teria coragem de mostrar toda sua feiúra a um ser humano.

Sua cabeça começou a matutar, quase que ela estava estourando!Querida fazer de tudo se soubesse o que fazer!

Um dia sentou de novo naquela pedra para espiar os seres humanos - o tempo era bonito, o céu azul e o sol se refletindo no musgo. Não era de admirar-se que neste dia três crianças foram à floresta. Elas

recolhiam as frutas, colocando nas cestinhas em cima do musgo. Se o curupira fosse do jeito dos outros ele teria tido prazer em

derrubar as cestinhas e assustar as crianças. Mas ele era diferente e se alegrava observando as crianças com seus olhos puros e bochechas vermelhas. Ai lembrou de seguir os conselhos do velhinho, do carvoeiro. Primeiro olhou se ninguém estava o vendo, depois se arrastou até uma arvore, pegou uma casca, formou uma vasilha, a encheu de frutinhas e despejou nas cestas das crianças. A mais velha das crianças coçou sua cabeça: Alguém parece que

está nos ajudando, vamos agradecer-lo, tanto faz quem seja!

Obrigado! Obrigado! ,gritaram as crianças e o pequeno curupira - que de novo se escondeu atrás das pedras - ficou feliz como nunca, pois, nunca ninguém tinha dito obrigado a ele!

Desde aquele dia a floresta trazia sorte a todas que iam lá trabalhar - seja para fazer

carvão ou tirar lenha, seja para colher frutas silvestres - sempre recebiam ajuda de uma maneira ou outra sem jamais saber de onde vinha .A floresta ficou cada vez mais conhecida e cada vez mais pessoas iam para esta floresta. E quanto mais o curupira ajudava mais ágil ficou e mais alegria sentia no seu coração. Mas no fundo da floresta, onde ficava sua casa, ele não se sentia bem, não ousava revelar aos outros curupiras o que ele almejava. Mas eles estavam adivinhando algo - "O que você tem? gritavam e o beliscaram, você está crescendo, você é maior do que um curupira deveria ser, você é muito mais esbelto, parece quase um ser humano, credo! Aquele seu pelo está caindo! E seus olhos não estão lacrimejando como deveriam os olhos de curupira".

Ele agüentou os beliscos, as debochas, os socos, mas por dentro ele ria! Se realmente estava no caminho de tornar-se humano, com prazer ele sofreria.

Assim passaram - se muitos verões, muitos anos e ai veio a sua mais bela vivência: uma menina veio à floresta, tinha tranças bonitas e seus olhos eram os mais límpidos e confiantes que jamais tinha visto. Ela tinha muitas tarefas, levava comida para os trabalhadores, colhia magníficas flores, frutinhas silvestres e cogumelos, gostava de cantar;o curupira nunca tinha escutado algo de tão bonito. A sua própria voz é rude e rouca, mas a voz da menina tinha o som de uma fonte de água.

Nunca ele tinha sido útil a uma outra pessoa tanto quanto a ela. Ele aprendeu a se arrastar em total silêncio como uma serpente e sumir como uma sombra. Assim podia sempre ficar perto dela, mostrar para ela os lugares onde tinha mais flores, frutinhas e cogumelos. Enchia as suas cestas num instante. Ela começou a entender que uma força amável estava

lhe ajudando, assim nunca saia da floresta sem agradecer e muitas vezes também economizava um pouco do seu almoço para seu amigo invisível.

"Quem quer que tu sejas, ela disse, uma comidinha não lhe fará mal. E se não gostas, tem passarinhos e outros bichinhos que vão gostar."

Às vezes acreditava escutar uma voz rouca, um cochicho. Mas talvez fosse o farfalhar de folhas ou uma pedra escorregando do alto. Que ela tinha um ajudante invisível, disto ela tinha certeza. Por muitas vezes ela já tinha se confrontado com animais selvagens e outros perigos e nunca aconteceu nada com ela. No ultimo momento o urso desviou seu caminho para outro canto ou o pinheiro foi tirado do lado e caiu sem machucá-la. Mas embora que espiasse por todos os lados não conseguia enxergar ninguém.

Ai chegou o outono, e ela sabia que seria a ultima vez que ia na floresta neste ano. Sua cesta ficou repleta de cogumelos branquinhos e marronzinhos. As folhas dourados de outono caíram na sua cabeça e seus ombros. Os passarinhos piavam em volta da menina sentada em cima de uma pedra e o sol brincava na sua camisa branquinha e na sua saia rústica.

"Querido ajudante, quem você seja, como seria bom se você pudesse mostrar quem você é e me dissesse como agradecê-lo da melhor maneira possível. Ninguém jamais me ajudou melhor do que você."

O curupira ficou louco de alegria mas não teve coragem de aparecer. Como podia ter tido a coragem de assustá-la assim.....

" Se você não quer ser visto por olhos humanos poderia pelo menos

conversar comigo. Ninguém quer aceitar tanta ajuda sem poder pelo menos fazer algo por esta pessoa. Por favor me peça algo. Quero fazer tudo por você.”

Ai a menina escutou, de não sei de onde, um murmúrio, um cochichar:

“Esquenta com seu hálito o vidro da igreja até que o gelo se derrete. Tem quer ser durante a missa de Natal”.

“È um pedido estranho”, pensou a menina. - Sim, se você não quer nada mais do que isso, é muito fácil, respondeu ela. Mas se um dia nós nos encontrarmos, queria muito te reconhecer. Pegue minha cruzinha de prata, ela traz sorte e é o melhor que posso te dar”.

Assim ela levantou e foi-se embora e o curupira olhou até ela sair da floresta. Depois foi no lugar onde ela deixou a cruzinha depositada na pedra. Era uma cruzinha de prata fininha, pobrezinha, gasta, nada de precioso. Um curupira qualquer que poderia possuir tanto ouro e pedras preciosas como quisesse não ia levar esta cruzinha muito a serio. Mas para o curupira que queria se tornar humano era a mais bela preciosidade. Com muito cuidado ele acariciou a cruzinha, deixava-a brilhar no sol, tocou-a com os lábios como os seres humanos fazem quando amam algo. Finalmente pendurou o laço azul com a cruzinha no seu pescoço e o escondeu cuidadosamente na sua veste de pelo.

A partir deste dia sua saudade dobrou, sua saudade de ser humano. Quando não podia ajudar ninguém ele ajudava os animais, os pequenos e os grandes, mas principalmente os bem pequeninos desprotegidos. Ele acreditou que esta cruzinha prateada no seu peito era o sinal do mais humano que existisse no mundo. Às vezes tinha uma sensação que ele queimava no seu peito para lembrá-lo sempre de novo que nunca ele deveria desistir da sua esperança e do seus esforços.

Mas os outros curupiras, seus parentes, ficaram com cada vez mais raiva dele. Por que do jeito que ele estava se tornando, era impossível ele parecer o mesmo que seus parentes. Ele não conseguia mais, como eles, uivar, prejudicar os homens e os animais e atrapalhá-los. Uma dor enorme o invadiu que não podia agüentar. Não, não tem mais como agüentar!

“Você não é mais um Troll”, gritaram os seus parentes e o agarraram ferozmente com suas unhas . “Sua pele está ficando clara como a pele de um ser humano. Credo! Seus olhos têm um brilho como os de um ser humano. Fora, vá embora. Você não pertence mais a nos!”

E correram atrás dele com pedras e facas. Precisou correr para salvar sua vida nesta noite de inverno.....Que ele ainda não se tornou um ser humano, isto ele sabia muito bem. Mas agora também não era um curupira. Ficava no meio de dois mundos, o mundo do ser humano e o mundo dos curupiras e tinha que viver ali até ele conseguir se transformar em um ser humano de verdade ou então até ele ser um curupira de novo. Mas isto ele não queria mais de jeito nenhum.

Ficou tremendo de frio. Quando ele ainda era um curupira ele nunca sentia frio. Era por que ele se tornou mais parecido com humano. Os seres humanos , parece, tinha uma vida mais difícil. Mas tudo que tiver que acontecer ele sofreria com alegria. Queria ser humano, isto sim!

Com frio e ensangüentado ele vagava no meio da floresta e se acercou cada vez mais ao povoado. Caiu na neve onde percebeu os rastros do seu sangue.

"Agora vou morrer, pensou, agora vou me afundar na neve e me dissolver em nada antes de eu ter podido participar da maravilha da vida humana". Assim ficou por muito tempo na neve e estava quase desmaiado quando escutou de longe o tilintar dos sinos. Ergueu a cabeça. "São os sinos da igreja, pensou. E o começo da missa de Natal. E com todo esforço se levantou e correu em direção ao povoado embora que seus membros eram regelados e duros e suas feridas doíam. De longe percebeu os fieis com tochas nos seus trenós andando na neve. Os sinos dos trenós tilintavam na noite e as estrelas resplandeciam. Sua cruzinha prateada emanava um calor suave no seu peito; ele tinha certeza que se ele agüentasse até a igreja poderia olhar através das janelas da igreja e participar da alegria dos fieis.

Nessa igrejinha a menina da floresta soprava no vidro para esquentar o gelo. Mas só seu halito não bastava, precisava da ajuda das suas mãos e das suas bochechas para derreter o gelo.

"O que você está fazendo, disse a mãe, venha sentar perto de mim no banco da igreja."

"Eu quero que a luz de Natal consiga penetrar pelas janelas ate lá fora", respondeu a menina e continuou seu trabalho.

A musica do órgão começou a tocar, a menina ainda derretendo os vidros. O tempo todo ela cantava com voz clara.

"Talvez, pensou, aquele da floresta vai achar o caminho graças a minha voz".

O padre já se dirigia à frente do altar e a mãe perguntando:

"O que você está fazendo, menina, venha sentar-se no banco". "Natal tem que brilhar lá fora também, para as pessoas que estão

na escuridão". E enquanto ela escutava as palavras santas o gelo se derreteu completamente.

O padre já subia no altar e agora a mãe ficou brava "Venha já, logo, você esta atrapalhando e sente-se no banco".

Mas a menina não respondia. Ela viu um rosto se espremendo no vidro, um rosto com dois olhos escuros cheios de saudade e tristeza. Uma mão mostrou lhe a cruzinha de prata bem gasta. Ela viu e entendeu:

"Morador da floresta, morador da floresta, cochichou ela, bem-vindo!"

O padre com seus olhos jovens e brilhantes falou com sua voz suave e forte as palavras da misericórdia. Sua voz perpassou a janela e o curupira conseguiu compreender as palavras e seu rosto se iluminou.

"Tenha vergonha, disse a menina a si mesma, eu aqui bem confortável na igreja aquecida enquanto o outro neste Natal sofrendo lá fora na neve todo regelado. Seja quem for, curupira ou pagão, eu vou deixá-lo entrar na igreja quentinha"

".Menina, menina, gritou a mãe, você perdeu todo juiz?!"

Mas a menina já correu para fora sem obedecê-la. Depois de um instante a porta da igreja se abriu de novo e a menina entrou. Seu cabelo brilhava como uma auréola de santo. Pela mão ela conduziu um estranho que nunca ninguém tinha visto. Um jovem esbelto, envolto em pelo com um cheiro de resina e floresta. Seu cabelo era preto e liso e ornava seu rosto pálido e comovido. Seus olhos brilhavam. Alguns fieis tinham medo e se refugiam no fundo da igreja, por que algo nele era selvagem e pagão. Na sua mão direita ele segurava uma cruzinha prateada que irradiava tanta luz que não se via mais nada além dela.

A menina guiava o estranho até o Coro e os dois se ajoelhavam. Quando o estranho viu o rosto do padre ele cobria o seu com as duas mãos e se inclinava tremulo.

O padre desceu do altar e toda a comunidade se levantou para ver e escutar.

“Quem você é, ser estranho, perguntou o padre”.

O estranho se inclinou mais profundamente para baixo e não respondeu.

Ai o padre se aproximou dele, pus a mão na sua cabeça e disse: “Não temais, nada de ruim acontecerá contigo. Mas me diga quem es tu?” E o estranho olhou para ele e tentou responder, mas não conseguiu. Ai o padre pegou sua mão que segurava a cruzinha prateada e perguntou pela terceira vez:

“ Em nome da cruz, que você segura na sua mão, quem es tu?”

O estranho então, com voz alta cheia de lagrimas e saudade respondeu:

“Eu nasci como curupira, mas quero me tornar humano. Por isto meus parentes me expulsaram!”

O padre se inclinou, o levantou nos seus braços e o mostrou para toda a comunidade.

“Se for isto, então seja bem-vindo! Bem-vindo no Mundo dos seres humanos. Aqui você achará seus parentes. Você é igual a nos por que a saudade de tornar-se humano é que nos une a todos”.

Autora Jeanna Oterdahl

Tradução Ute Craemer